

As cidades e suas memórias

Em Dezembro as cidades atraem-nos, alegres e festivas, engalanadas para o Natal. A proposta deste roteiro é incluir breves pausas para respirar as memórias das cidades, ou aproveitar as sugestões para um passeio familiar, olhar a História, que se encontra gravada nas paisagens urbanas, de forma lúdica.

O antigo Gharb Al-Andalus, resguarda uma herança que se entranhou nas pedras, mas igualmente nos modos de ser e de estar, de construir, de usar os recursos naturais e até de comer que remonta ao tempo da presença islâmica.

Uma herança que passa pelo património monumental, mas se pode surpreender igualmente nos mercados, nos topónimos das cidades, na paisagem e até nas lendas acervo inestimável do cancionero nacional.



Começaremos pela cidade de Loulé, onde nas ruas que dão acesso ao castelo, tortuosas e pitorescas, há lojinhas de artesanato. Aí podem adquirir-se lembranças de Natal originais.

Antes ou depois das compras, visite-se o Museu Arqueológico Municipal que apresenta silos e estruturas habitacionais (século XI e XIII) e vestígios árabes, sobretudo califais e dos reinos de taifas, como um conjunto cerâmico, e exemplo um forno de cerâmica.

Incontornável é subir à muralha é almóada e de taipa do Castelo, ou à Torre da Vela, ou torre albarrã, de taipa sita na antiga Rua da Corredoura, marcos da cultura islâmica e simultaneamente

miradouros, de onde se pode observar uma panorâmica de toda a cidade e dos arredores.

A Cerca do Convento do Espírito Santo possui por sua vez estruturas da época almorávida e almóada e na galeria aí existente há amiúde exposições de arte, igualmente merecedoras de um olhar atento.

Ainda no conselho de Loulé, antes de se perder nas lojas da envolvente da marina de Vilamoura, que apresentam uma oferta variada e cosmopolita, o Museu do Cerro da Vila fica no caminho e apresenta diversas peças de cerâmica islâmicas e também romanas, entre outros artefactos. No



exterior, estão as ruínas de uma villa romana, o que demonstra a continuidade de ocupação daquele território. No Inverno, de Novembro a Abril: o horário do museu é das 9h30 - 12h30 / 14h00 - 18h00.

Deixando o concelho de Loulé e a caminho de Faro, vale a pena um breve desvio até às ruínas de Milreu, um monumento nacional que guarda vestígios romano (séculos I - III), medieval (séculos VI - X) e do Século XVI.



As ruínas apresentam um complexo do século III, constituído por uma casa senhorial de grandes dimensões, instalações agrícolas, um balneário e um templo.

O templo, dedicado às divindades aquáticas, foi construído no século IV. Achados de épocas posteriores sublinham uma longa tradição de Milreu como local de culto, mostrando que dois séculos depois, (séc.VI), o edifício pagão foi transformado em igreja cristã. Este recinto foi também utilizado como cemitério em período islâmico. No complexo subsistem vestígios cerâmicos e inscrições árabes em colunas da basílica.

Só quando, na primeira metade do século X, as abóbadas ruíram, o sítio de Milreu foi provavelmente abandonado. Entretanto, nos inícios do século XVI, o local ganhou nova vida, quando sobre as ruínas há muito abandonadas foi erguida uma casa - único e precioso exemplar algarvio desse tipo de arquitectura civil com contrafortes cilíndricos.

No Inverno, (Outubro a Março) o Centro Interpretativo das ruínas funciona das 9h30 | 12h30 e das 14h00 | 17h00. Encerra à segunda-feira e no dia 25 de Dezembro. Aí podem-se obter informações ou adquirir réplicas dos achados, muito apropriadas para lembranças natalícias de sabor histórico e genuinamente algarvias.

Na cidade de Faro, depois de espreitar a Rua de Santo António e adjacentes, ruas pedonais onde se concentra o comércio tradicional da capital algarvia, dê uma espreitadela ao Museu Arqueológico e Lapidar Infante D.



Henrique, no centro histórico, em especial à Sala Islâmica, com um acervo importante de expostos vestígios da presença árabe, tais como cerâmicas e lápides epigráficas.

De 1 de Outubro a 31 de Maio o museu funciona de 3ª a 6ª das 10 00 às 18h00 e no Sábado e Domingo das 10h30 às 17h00. A entrada é gratuita ao Domingo para todos os visitantes, até às 14h30.



Para chegar ao museu, que fica no largo D. Afonso Henriques, nas traseiras da Sé, entre pelo Arco da Vila, no Jardim Manuel Bívar, que contém vestígios das portas mandadas reforçar por Ibne Bacre ou Ibne Abu Bakr, comandante supremo do exército almorávida, e emir de Sevilha.



Ao aceder ao centro histórico por esta via, repare no interior do Arco da Vila, onde existe uma Porta árabe, com o seu arco de ferradura ao fim de tantos séculos ainda imponente, as aduelas apresentado pedras de bicromia alternada, um de modelo emiral/califal (século IX-X). Este é o maior arco deste período existente em terras do Algarve.





Uma outra porta do centro histórico, mas na direcção do Largo de São Francisco é o Arco do Repouso, uma construção almóada (século XII), em forma de cotovelo. O castelo/alcáçova, cujo recinto foi utilizado para construir a uma fábrica de cerveja, entretanto desactivada, foi edificado pelo mesmo Ibne Bacre no século IX. Embora sofrendo de diversas reconstruções posteriores, ainda são visíveis as fortificações dos finais do século IX, do período emiral/califal, com as suas torres albarrãs.



Seguindo para Sotavento, passaremos por Olhão, onde o imaginário desta herança islâmica se mantém no Bairro dos Pescadores, a que os locais chamam o Bairro dos Marroquinos.



São ruas labirínticas de ruas que desembocam junto ao mercado, de traça neo-árabe. Aos sábados de manhã, no exterior do mercado, junto ao passeio da Ria Formosa, há um mercado/feira que até hoje mantém uma influência magrebina, surgindo como um verdadeiro souk. Ali ao lado, as açoteias, tão típicas, lembram os terraços do Norte de África.

Tavira apresenta muralhas de taipa, onde se destaca uma torre octogonal e estruturas habitacionais do período almorávida e almóada (séculos XI-XII e XII-XIII).

A janela árabe na Igreja de Santa Maria do Castelo, local da antiga mesquita é uma curiosidade a não perder no centro histórico da vila. O Vaso de Tavira é um precioso achado arqueológico, descoberto em obras de recuperação de uma habitação da cidade, que possui decoração figurativa do século XI, período em que a cidade integrava o Gharb do Al Andalus.



Já no concelho de Vila Real de Santo António, onde o centro comercial regurgita de vida, a proposta é uma visita à aldeia de Cacela Velha, onde a falésia que se debruça sobre a Ria Formosa está ocupada pelas Muralhas de taipa (na fortaleza), provavelmente almóadas.

Explorações arqueológicas junto à Ribeira de Cacela e nos campos de cultivo puseram já a descoberto cerâmicas da época califal. A nora que está no centro da aldeia é um artefacto que os árabes nos legaram.





Voltemo-nos agora para o Barlavento, onde se situa a mais islâmicas das cidades algarvias: Silves.

O castelo albergou a primitiva alcáçova do período almóada e as muralhas de grés vermelho que cercam a almedina, escondem reconstruções em aparelho pétreo e em taipa. O Palácio Almóada de Silves é, por sua vez, um edifício significativo da arquitectura civil islâmica, na alcáçova.



Silves foi uma cidade esplendorosa no período islâmico, e guarda até hoje o mais belo monumento militar da época islâmica no território português. As Torres albarrãs da muralha são almóadas e a Porta da Vila ou de Loulé, em cotovelo, cuja torre alberga actualmente o Arquivo Histórico, também.



A antiga mesquita localizar-se-ia no local da Sé Catedral.

O Museu Arqueológico Municipal de Silves alberga parte das muralhas e um importante poço-cisterna, e estão expostos capitéis de possíveis edifícios religiosos e civis, cerâmicas, marfins, artefactos em metal, lápides, bocais de poço, representativos desse período.

A herança e o imaginário de Silves, como cidade dos poetas do Palácio, Al-Mutamid e Ibn Ammar, mantêm-se nos ressurgimentos árabes de outros



edifícios mais recentes como o antigo Matadouro, futuro Centro de Estudos Luso-Árabes de Silves, os pavilhões da Praça Al-'Mutamid e da Praça do Município, de construção em terra. Nos arredores, as hortas, pomares e a vista panorâmica que se pode usufruir do castelo, lembram as descrições de Silves do século XI, feitas por cronistas árabes e cristãos.



A cidade de Lagos encerra modernas tentações, com a sua zona baixa cheia de pequenas lojas onde se pode adquirir artesanato em obras únicas e peças de autor, mas também um precioso património histórico.

Durante as escavações realizadas no Monte Molião encontraram-se cerâmicas islâmicas de fase almóada e o Museu Municipal local possui um conjunto de vestígios arqueológicos da época.

Já na costa vicentina, a costa mais a ocidente, onde se nos depara a vastidão do Atlântico, o castelo de Aljezur, cujo topónimo provém, provavelmente, do árabe Al-Juzur, tem origem islâmica. No museu da Vila existem artefactos de metal e cerâmicas islâmicas.

Datam do período islâmico (séculos X-XII) os vestígios de maior esplendor arqueológico do concelho de Aljezur, comprovado por escavações arqueológicas levadas a efeito quer no Castelo de Aljezur, na Ponta da Atalaia (Rîbat da Arrifana), Ponta do Castelo - Carrapateira, na Igreja Nova Aljezur ou em Alcaria, freguesia de Aljezur.



A localização do único ribat reconhecido, até ao momento, no actual território português e o segundo da Península Ibérica, foi desvendada na Ponta da Atalaia, cerca de 1 km para norte da actual Arrifana.

Por ser único, o ribat de Arrifana adquire ainda mais destaque histórico, dado estar ligado a uma das principais figuras do mundo político e religioso de todo o al-Andalus, o mestre sufi e madi, Ibne Qasi. O Ribat, uma espécie de escola, está posicionado numa paisagem deslumbrante, uma agreste falésia perante a qual se estende até ao horizonte, o mar de azul profundo.

Não poderíamos deixar de falar nas lendas das mouras encantadas, que se contam por todo o Algarve, assim como da gastronomia, onde até hoje se comem os primores do xenxir (horta) as papas de milho, que ganharam o nome do moinho manual, o Xarem, usado para os cereais.

Sem ser exaustivo, este é um roteiro que prova ser o Algarve uma terra onde culturas se entrecruzaram, e que delas manteve traços, criando dessa forma uma identidade única.



Ficha Técnica

Edição:
Globalgarve, Cooperação e Desenvolvimento, S.A.
R. Dr. José de Matos, nº 56, 8000-502 Faro
Tel.: 289807768 / Fax.: 289807790
E-mail: globalgarve@mail.telepac.pt

Conteúdos:
CNA – Central de Notícias do Algarve
Av. 5 de Outubro, nº 55, 2º Esq., 8000-075 Faro
Tel.: 289895480 / Fax.: 289895489
E-mail: cna_faro@sapo.pt
www.cnalgarve.com

© Todos os direitos reservados.